

MATTOS, Jane Rocha (org.). **Museus e africanidades**. Porto Alegre, RS. – Edições Julio de Castilhos, 2013, 184 p.

Margaret M. Bakos¹

Sucessivas leis – aprovadas em 1996 (lei n. 9.394); em 2003 (lei n. 10639); em 2008 (lei n. 11.645) – e a Resolução n. 297, de 07.01.2009 abriram possibilidade para que os brasileiros pudessem estudar, de forma interdisciplinar; mas sistemática, o mundo africano – África e diásporas.

Os conteúdos e temáticas, mencionados na referida Resolução, devem hoje ser trabalhados em todos os níveis da educação básica, independentemente de sua forma de organização (art. 3º).

Veja-se o que a Resolução n. 297 dispõe em seu art. 3, parágrafo 1:

Os conteúdos da temática referente à história e cultura afro-brasileira e africana, assim como os conteúdos relacionados à história e cultura indígena, serão desenvolvidos nos componentes curriculares definidos nos respectivos planos do estabelecimento de ensino, no exercício de sua autonomia.

Longe de ser um conhecimento rançoso e repetitivo, as aulas, abordando esses conteúdos, vão trazer, à vida, a beleza de um mundo muito presente no cotidiano de todos nós, mas raramente estudado pela população brasileira, porque apagado pela historiografia: a história da nossa história tem feito ouvidos moucos, omitindo parte de nossas origens e silenciando² sobre o passado do povo brasileiro por puro preconceito e pedantismo.

Como ensinar, entretanto, essa história não registrada das africanidades que tomam parte tão ativa em nosso dia a dia? Para isso, seria preciso formar professores sensíveis e desenvolver um conjunto instrumental didático pedagógico que, sem pecar pela omissão de informações, seja objetivo e atraente na forma de apresentá-las, recorrendo a imagens e mensagens sem os tradicionais clichês adotados pela bibliografia de caráter pedagógico tradicional, construída a partir de discursos inspirados nas academias européias, com vistas a dar conta da ancestralidade de significativa parcela da população brasileira, cuidadosamente ocultada ou esquecida: a africana e a indígena.

¹ Profa. adjunta do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e da graduação em História da mesma universidade; doutora em História (USP); bolsista de produtividade do CNPq.

² “O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio, o sentido é” (ORLANDI, 1993, p. 33).

Este livro, organizado por Jane Mattos, Mestre em História, sob minha orientação tem perfil e objetivos semelhante ao livro editado sob coordenação Lucia Regina Brito Pereira³, doutora, mestra e graduada em História pela PUCRS, também com a minha, orientação. Os dois tem por objetivo oferecer textos de cunho didático para implementação, em sala de aula, das normas legislação brasileira que regem o ensino sobre os afro-descendentes neste país.!

O livro de Jane, em suas 184 páginas, oferece textos que convidam à reflexão; apresentando questões sobre o passado/presente da identidade nacional, com um enfoque original: *o que pode ser produzido, modificado, consumido e apreciado em exposições e amostras.* Para isso, o livro introduz o conceito de museu como: *locais onde se pode exercitar a capacidade de produção simbólica e a transformação dos sentidos daquilo que entendemos ser a realidade.*

O livro tem uma apresentação, uma introdução e compõe-se de sete capítulos.

A apresentação, de autoria de José Antonio dos Santos,⁴ é muito significativa e importante como início de leitura. José Antonio aponta o importante papel dos Museus como locais para exercícios de tensionamentos entre a mudança e a permanência, o passado e o futuro. Neste sentido, ele deseja com essa publicação que

negros sejam representados nos museus como agentes históricos e potenciais visitantes que se interessam pela sua própria história – e que a sociedade toda se volte para isso.

À Jane Rocha de Mattos⁵, organizadora da coletânea, coube escrever a introdução da mesma. De início, Jane alerta para o grande contingente populacional africano e afro-descendente existente no Rio Grande do Sul no último quartel do século XIX. Entretanto, a história dessas pessoas tem um papel secundário na nossa história geral. Este livro, pois, vem contribuir para preencher esta lacuna. Ele, nas palavras da organizadora, surgiu da *inquietação sobre a representação dos afrodescendentes nos museus de nosso Estado* e pretende dar visibilidade á riqueza de suas manifestações culturais.

Vejamos os temas dos capítulos:

³ PEREIRA, L.R. (coord) Africanidades Su-Rio-Grandenses, João Pessoa, Ed. Grafset, 2012.

⁴ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2011)

⁵ Mestre em História pela PUCRS

I – As representações do negro nos museus do Rio Grande do Sul são marcadas por uma invisibilidade simbólica: do “resgate” afro-brasileiro às pesquisas histórico-antropológicas e às visibilidades negras na museologia é o título do artigo de Iosvaldir Carvalho Bittencourt Junior.⁶ O título dá o tom do artigo que faz a denúncia sobre a ausência *das culturas negras (afro-brasileiras)* na sociedade de consumo e na indústria cultural.

II – Artes visuais de referência afrobrasileira, de autoria de Vinicius Vieira de Souza, faz um interessante percurso pela cidade de Porto Alegre, onde aponta os monumentos de autores regionais que assinalam a presença da população afro-brasileira na cidade. Ele nos ilustra e informa sobre as obras de arte que apenas começaram a surgir em 1997.

III – O Museu de Percurso do Negro na perspectiva de seus idealizadores: os militantes do Movimento Negro foi o capítulo escrito por Pedro Rubens Vargas⁷. Ele nos relata a importante e original conclusão dos militantes sobre os sentidos do Museu que *pode ser um veículo de representações de valores , e ao mesmo tempo mantém uma dimensão de arena política.*

IV – Antigos carregadores de doca: Reflexões acerca das representações negras no Museu Júlio de Castilhos. Arilson dos Santos Gomes⁸ e Roberta Fraga Machado Gomes⁹ são os autores de um artigo que mostra, na prática, como é possível dar visibilização positiva a grupos outrora silenciados através da análise de objetos dos museus.

V – Trilhando investigações sobre o quadro de Aurélio Veríssimo de Bittencourt; Maria Ricken Medeiros¹⁰ e Nara Beatriz Witt¹¹. No artigo trata-se de um exercício de Pesquisa Museológica a partir de um quadro do acervo do Museu Júlio de Castilhos, desde 1945.

⁶ Bacharel em Comunicação Social (PUCRS) e Doutor em Antropologia Social (UFRGS)

⁷ Técnico em Cultura da SMC, Bacharel em História e Administração, Mestre e Doutorando em Planejamento Urbano e Regional.

⁸ Professor de História da FAPA, Doutorando do PPGH da PUCRS, Membro fundador do AIC

⁹ Bacharel em Turismo pela PUCRS e acadêmica de Museologia da UFRGS

¹⁰ Graduanda do Curso de Museologia da UFRGS

¹¹ Graduanda do Curso de Museologia da UFRGS

VI Representações radicalizadas de negros nos museus: o que se diz e o que se ensina: Lisandra Maria Rodrigues Machado¹² e Maria Angélica Zubaran¹³ são as autoras de um artigo que se propõe a análise cultural de uma sala do Museu Júlio de Castilhos.

VII – Rodas de lembranças do Museu Comunitário Treze de Maio: comunicação, educação e identidade de mulheres negras. Giane Vargas Escobar¹⁴ e Ana Luiza Coiro Moraes¹⁵ são as autoras deste artigo que traz a história deste Museu e de suas importantes práticas das ações educativas.

Todos os autores deste livro escrevem dispostos a somar no que se refere ao movimento de transformação por que passa a sociedade brasileira a partir da sala de aula, na busca tanto de esclarecimentos sobre suas origens, como de reafirmação de sua posição contrária a qualquer tipo de preconceito ou racismo. Parabéns!

¹² Mestranda do PPGEDU

¹³ Ph.D EM História New York, Prof da ULBRA, Dir.do Museu de porto Alegre

¹⁴ Doutoranda do PP em comunicação na UFSM

¹⁵ Doutora em comunicação pela PUCRS e Profa.de comunicação na UFSM